

MOARA

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA

BENJAMIN (BAUDELAIRE): A tarefa do tradutor: Zilly (Euclides da Cunha)

Gunter Karl Pressler
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Porque obras-primas da literatura evocam uma ruptura do horizonte de expectativa contemporâneo, Jauss (1967), propõe escrever uma nova história da literatura a partir do leitor. O leitor e o processo de leitura devem ser reconhecidos como constitutivos de um momento da avaliação histórica e estética. Por isso *Les fleurs du mal* (1857) ganham reconhecimento depois de cinquenta anos. A primeira tentativa de Benjamin para traduzir essa obra foi em 1914-1915. Em 1923, ele publica *Tableaux parisiens*, com a famosa introdução « The task of the translator ». *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, traduzidos por Berthold Zilly (1994) tiveram grande sucesso na Alemanha. Por esse motivo, foi demonstrado que as obras-primas da literatura encontram o caminho que os levam até seu leitor em qualquer tempo ou lugar. « A idéia de tradução » era inerente ao original, diz Zilly. Este artigo trata da necessidade de entender o « ato de leitura » no contexto da sociedade pós-colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da tradução; Walter Benjamin; Euclides da Cunha.

ABSTRACT

Because masterpieces of literature evoke a break of the contemporary horizon of expectation, Jauss (1967), proposes writing a new history of literature starting by the reader. The reader and the process of reading have to be recognized as a constitution moment of the historical and esthetic judgment. Therefore *Fleurs du Mal* (1857) receives after 50 years literary recognition. Benjamin's first attempt to translate this work was in 1914/15; in 1923 published *Tableaux Parisiens* with the famous introduction "The Task of the Translator". *Os Sertões* (1902), by Euclides da Cunha, translated by Berthold Zilly (1994), was a great success in Germany. For this reason, it has been demonstrated that masterpieces of literature find out their way to the reader of any time and of any country. "The idea of translation" was an inherent quality of the original says Zilly. This paper deals with the need to understand the "act of reading" in the context of post-colonial society.

KEY WORDS: Theory of translation; Walter Benjamin; Euclides da Cunha.

“Segundo um preceito antigo, a glória humana depende dos poetas, pois eles possuem o poder de immortalizar os heróis e as guerras mediante a magia do canto” Teixeira (1997: 39)

Analogamente podemos dizer: a glória dos poetas depende dos tradutores, dos críticos e dos historiadores — e, naturalmente, dos outros poetas posteriores. O que seria de Baudelaire sem a atenção e o reconhecimento de Walter Benjamin? O que seria de Euclides da Cunha sem a tradução de Berthold Zilly e dos outros tradutores? “Um Shakespeare nunca traduzido não seria o Shakespeare que existe hoje na Inglaterra, apesar do papel hegemônico do inglês. Sem tradução não haveria tradição literária internacional” (Zilly 2000: 93). Euclides — em relação ao seu reconhecimento no Brasil — ficaria absolutamente desconhecido fora do país. Como explicar a grande recepção de *Os Sertões* na Alemanha, 100 anos depois da primeira publicação? Significaria, então, uma nova leitura da obra? Uma nova leitura da história? São as particularidades da recepção. Interpretando o fenômeno do conhecimento tardio de uma obra literária na perspectiva da Estética da Recepção talvez se pudesse associar esse sucesso à “compreensão” da história não só como conteúdo da poesia, da literatura, mas também como conteúdo da vida atual? Por que estudar obras e realidades do passado agora no presente?

Baudelaire poetizou a fantasmagoria do século XIX, Paris das exposições mundiais em plena transição socio-cultural e “capital do século XIX”, de forma alegórica. Ele expressa assim toda a ambigüidade ideológica, enquanto Euclides da Cunha apresenta “feitos heróicos” numa guerra perdida num lugar fora do âmbito da justiça, “no homizão” — na América do Sul. O poeta e o escritor poetizam para dar sobrevivência aos acontecimentos reais e imaginados, para memorizar, desta forma, o efêmero, o nada. A imaginação do leitor vence o

verdadeiro e o ficcionalizado: “Tróia de Barra” (Ivan Teixeira). Zilly, leitor e tradutor, revela sua experiência como leitor de *Os Sertões* e depois viajante do sertão: “O sertão parecia muito maior no livro do que na realidade” (Zilly 1996). Os fenômenos e os acontecimentos que envolvem a história e o relato histórico tornam-se literatura. Desta forma, Baudelaire e Euclides da Cunha configuram diferentes objetos: o primeiro questiona e critica a glorificação de uma nova civilização, a Modernidade, e cria uma nova expressão poética, o último, de outro lado, glorifica em moldes canônicos (com seus traços literários inovadores) uma realidade desterrada para manter vivo o questionamento político na busca de uma identidade literário-cultural. Os dois autores, observadores envolvidos pessoalmente por motivos diferentes, poetizam conflitos sociais em momentos históricos de declínio do sentido a uma sociedade intacta. Baudelaire cria uma nova estética; Euclides da Cunha apresenta um plano estético e simbólico aparentemente anacrônico, entretanto para ambos, “o místico entrou para a História” (Teixeira 1997: 40) — numa relação dialética. Zilly constata: “Canudos foi uma guerra total, uma guerra de extermínio. Isso pareceu muito bárbaro a Euclides, mas é o que faz de Canudos uma guerra muito ‘moderna’” (Zilly 2000: 45). Os textos immortalizam e atualizam a história.

As realidades são reconhecidas nas e pelas obras, as obras reconhecidas pela leitura — leitura como ato de assistir em memória as realidades que já foram. O papel da literatura é de dialogar com a história e seus sentimentos na memória do leitor. Uma forma de sobrevivência diante da mortalidade vivida. “Por essa perspectiva, os fatos só assumem existência cognoscível depois de registrados pelo historiador, cujo discurso obedece às mesmas leis do texto literário” (Teixeira 1997: 39). Busca de identidade numa situação de “entre-lugares”. “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial [...] de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”

(Bhabha, 1998: 20): Baudelaire, nos meados do século XIX, Euclides da Cunha, na virada do século, Benjamin na primeira metade do século XX e Zilly, no final do século XX: nomes que são “signos carregados de significação”. Bhabha conceitua essa situação de “entre-lugares” para elaborar “estratégias de subjetivação — singular ou coletiva — que dão início a novos signos de identidade [...] no ato de definir a própria idéia de sociedade [...] É na emergência dos interstícios — a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença — que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [*nationess*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (Bhabha, 1998: 20). Silviano Santiago reflete sobre o “entre-lugar” do escritor (do discurso) latino-americano, mas reconhece o processo essencial e universal da leitura, do encontro texto-leitor: “O texto segundo se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto [...] O escritor trabalha *sobre* outro texto e quase nunca exagera o papel que a realidade que o cerca pode representar na sua obra” (Santiago 1978: 22).

“Entre-lugares”, um lugar e/ou uma posição privilegiada para um tradutor? Um tradutor na sua tarefa da (re)constituição dos significados literais e imagéticos da obra é um leitor potenciado, um “*pré-leitor* e *pró-leitor*, aquele que lê antes dos outros e pelos outros, sendo ao mesmo tempo um *recitador*, aquele que lê em voz alta para os outros, para uma audiência prefigurando a sua compreensão do texto, espécie de *preletor*, que ensina como se deve ler” ((Zilly 2000: 87). A tarefa é prática e teórica. Zilly desenvolve a idéia do “tradutor implícito” a partir da teorização de Wolfgang Iser sobre o “leitor implícito”, de quem antecipou Wayne Booth com o conceito “autor implícito”. Importante é constatar, e isso faz Zilly que na estrutura do texto encontram-se implicações para a recepção (leitura e tradução). Benjamin tinha afirmado que o texto original pede a tradução, pois “a tradução sucede ao original [por isso] pode-se estabelecer o seguinte princípio: se

a tradução é uma forma, a traduzibilidade de certas obras é essencial”¹.

Começamos por meio desta reflexão, a comparação entre Benjamin e Zilly se estabelece numa figura retórica de relação analógica: Benjamin (Baudelaire) e Zilly (Euclides da Cunha) ligados pelo *tertium comparationis*: a tarefa do tradutor. As ligações relacionadas pelo *grafema* “:”². Esta figura de ligação provoca a seguinte reflexão: o primeiro uso do *grafema* abrevia a relação autor/tradutor e resultado. **Benjamin (Baudelaire): A Tarefa do Tradutor.** O que Benjamin refletiu sobre a tradução de poemas de Baudelaire concluiu com esse título — em toda sua ambigüidade que Haroldo de Campos levanta. A palavra “Aufgabe” em alemão possui um sentido duplo (“bissêmico e oximoresco”), que contém “ao mesmo tempo a afirmação e a negação — ao mesmo tempo se trata de *dar* e *doar* e [...] de *renunciar*. *Abandonar* em português”³. É uma conclusão interpretativa possível e

1 Barck, “Apresentação”. In: Benjamin 1992: vii. Em nenhum momento, Benjamin questiona a traduzibilidade e, conseqüentemente, a tradução. Comentando uma citação de Mallarmé, Benjamin diz: “a tradução, com os germes de tal língua, situa-se a meio caminho entre a criação literária e a teoria” (p. xvi; “zwischen Dichtung und Lehre”). E, no final, o texto diz: “A Traduzibilidade do original determinará objetivamente em que medida uma tradução pode corresponder à essência dessa forma” (p. xxi). Além disso, ele caracteriza o próprio lugar do tradutor: “Assim como a tradução é uma forma própria, assim também se pode compreender a tarefa do tradutor como autônoma e diferenciada da do escritor” (p. xiv. Eu diria “poeta”, no original “Dichter”).

2 Verbete: *grafema*. 1. Símbolo gráfico uno, constituído por traços gráficos distintivos que permitem o entendimento visual das palavras na língua escrita, assim como os fonemas permitem o entendimento auditivo na língua oral. [T. criado na lingüística norte-americana, constitui designação mais rigorosa e mais ampla que letra (q. v.), pois abarca também os diacríticos, ideogramas e sinais de pontuação.] (Aurélio).

3 Campos 1992: 78 (c.1.; grifo no original). Para Benjamin, continua Campos, abandonar significa renunciar aquilo que é ‘die Wiedergabe des Sinnes’, a redação do sentido, do sentido referencial, o comunicativo” (l.c.).

sedutora⁴. A segunda colocação do *grafema* funciona como explicação, avisando o seu cumprimento. **A Tarefa do Tradutor: Zilly (Euclides da Cunha)**. No sentido da palavra como tarefa/exercício, Zilly responde com seu artigo “O Tradutor Implícito”, seis anos depois da tradução alemã. A relação sintética:

Benjamin (Baudelaire): a tarefa do tradutor:
Zilly (Euclides da Cunha)

a : b: c
a = b
b = c
a = c

“a” e “c” são idênticos somente em relação lógica à “b”,

pois não é uma comparação figurativa

(veja a explicação da metáfora em Aristóteles, *Poética*, cap. 21).

transforma-se numa relação transitiva, pensando a no contexto da filosofia lógica e da semântica de Gottlob Frege (1848-1925). Podemos dizer que o “sentido” e o “significado” da construção estão no *tertium*, enquanto os nomes em comparação são os referentes, o *denotatum*. “*Sinn* es ele sentido de un nombre,

⁴ “O ‘A Tarefa/Desistência do Tradutor’, ou ‘O Problema do Tradutor’, (‘Die Aufgabe des Übersetzers’)”, explica Márcio Seligmann-Silva (1999: 88) o plurisignificado intrínseco do título. Jeanne Marie Gagnebin (2002: 16) apresenta este plurisignificado: “Nesse sentido a tarefa do tradutor configura, emblematicamente, a tarefa do pensamento; tarefa no triplo sentido da palavra alemã *Aufgabe*: no sentido de dever ético e político de transmissão, mas também no sentido de ‘renúncia’ (o verbo *aufgeben* significa ‘desistir’), o que podemos interpretar como a renúncia à vontade onipotente de tudo dizer; finalmente, numa aceitação que Susana [Kampff Lages] não cita, mas que seu texto encarta, no sentido de uma dádiva que se impõe (*Auf-gabe*) e que exige nossa resposta”. Posteriormente, a tradutora não se privou da tentativa de incluir as duas conotações interpretativas no título duplo: “A Tarefa — Renúncia do Tradutor” (Benjamin 2001).

lo que mediante él aprehende quien entiende el lenguaje, y algunos autores lo traducen por ‘connotación’; *Bedeutung* es la entidad extralingüística a la que el nombre se refiere” (Sánchez 2000: 287). Esta *Bedeutung* (significado) está no centro (centrífuga e centrípeta) como partida (Zilly) e como chegada (Benjamin) dos referentes autores e constrói um sentido. E, o leitor, como segunda referência, aproxima-se do significado por meio da comparação, cumprindo duas tarefas (exercícios): apresentar não só sua compreensão com a finalidade de contribuir na busca do sentido da “tarefa do tradutor” como também focar a relação tradutor e objeto concreto: Baudelaire e Euclides da Cunha em momentos diferentes e complementares: 1) uma comparação 2) uma compreensão que se complementa pela relação dialética entre os tradutores Benjamin e Zilly e seus tempos em relação ao autor e sua obra: “Diante de uma obra de arte ou de uma forma de arte, levar em conta o receptor de modo algum se revela fecundo para o seu conhecimento. Qualquer relação com o público determinado ou com seus representantes desorienta e até mesmo o conceito de um receptor ‘ideal’ desfavorece qualquer reflexão sobre a arte” (Benjamin 1992: V) e: “A idéia da tradução é uma presença na vida e na obra de Euclides” (Zilly 2000: 97). Podemos dizer que nem Benjamin nem Zilly levaram em conta o leitor, pois a tradução já está essencialmente no original.

Num processo de várias “meta-leituras”, o tradutor se confronta com o texto (que é um diálogo entre autor e escrita) num movimento dialético de idas e vindas entre o texto e a leitura. Ele, primeiro, é leitor, depois tradutor; é um ser com conhecimento, pre-conceitos, com uma determinada ideologia e uma determinada visão-do-mundo — além de incorporar a tarefa de tradutor com a esperança de conseguir uma “parcial desambigüidade” (Zilly 2000: 89, nota 8).

Questionamentos elementares antecipam a realização da tarefa prática: por que traduzir um texto de uma língua numa

outra língua? O conteúdo justifica a tradução? Isso modifica alguma coisa no original? O original precisa, ou melhor, exige uma tradução? É importante ler um texto de uma outra língua, de uma outra cultura e de um outro tempo? Perguntas de Benjamin e de Zilly e, naturalmente, de muitos tradutores. É sempre bom fazer perguntas elementares para sentir o ponto de todas as partidas, se não o tradutor torna-se especialista-técnico, cego a respeito de qualquer justificativa de reflexão, só enxergando tarefas práticas, pragmáticas, p.e. do léxico, da filologia, etc. Zilly responde visando o aspecto cultural: a história da nossa cultura, dos textos é uma história de traduções. Porque nenhum texto foi escrito para uma determinada leitura de um grupo lingüístico fechado. O que Benjamin chama “língua pura” (Décio Pignatari chama “linguagem”, apud Campos 1977: 110) é, nesse sentido, uma *conditio sine qua non* de qualquer texto. Antes de ser escrito numa determinada língua, ele foi pensado no espaço da universalidade do pensamento humano. E esse pensamento é imagético, não lingüístico. Para “melhor” compreensão, o ser humano, o homem letrado utiliza a linguagem figurada, metáforas, etc. Contar história(s) e fábulas, p.e. aquela da construção da torre de Babel, é uma forma inteligente de revelar o mundo. Essa universalidade está *a priori* num “texto” e um texto concreto direciona-se inconscientemente ou conscientemente a um público em geral (internacional, no sentido moderno), “língua geral de todos os homens” (Campos 1977: 98). Zilly aborda essa questão fundamental-filosófica sob a ótica do tradutor prático que foi primeiro leitor: “Um dos métodos mais eficientes para entender um texto que resiste à imediata compreensão é traduzi-lo, sendo o tradutor o guia do crítico, e vice-versa, motivo pelo qual o autor do presente artigo empreendeu a transposição de *Os Sertões* ao alemão” (Zilly 2000: 94). Zilly ressalta as características do livro. Euclides da Cunha leva “a erudição européia ao sertão” (Zilly 2000: 98) e no livro traduzido “a erudição do tradutor [Samuel Putnam] faz questão de aparecer” (Milton 1997: 182). Euclides

da Cunha descreve na terminologia e com as metáforas do “ideário do Velho Mundo”, o sertão. Não é uma descrição ingênua do interior nordestino, é uma descrição com “termos técnicos universais. Preocupado com a falta de comunicação e entendimento entre culturas e nações, o autor cria um português que contém numerosos elementos de sua própria tradução para uma língua geral de todos os homens civilizados, em que todos, também os seres emudecidos e vencidos, incluindo as plantas, os animais e as pedras sofridas tenham vez e voz, para que se possa superar ‘as loucuras e os crimes das nacionalidades’” (Zilly 2000: 98). Assim, talvez, o sertão tenha se tornado importante para a literatura brasileira — pensamos em J.Guimarães Rosa, Graciliano Ramos —, que se integrou à cultura universal (Zilly 2000: 98, nota 39).

O tradutor Zilly é consciente do seu papel de ser, primeiramente, leitor — depois tradutor diante da tarefa de transpor o texto para sua cultura (língua da chegada), em três modos: “enfocar, pesquisar e representar o original”, correspondendo no caso do livro *Os Sertões* três discursos “que se haviam distanciando cada vez mais ao longo do século XIX e cuja fusão era inusitada na Europa da época: o discurso científico, o historiográfico-antropológico, o literário”⁵.

5 Zilly, op. cit. p. 102. Cf. o rodapé 53 no artigo de Zilly sobre a tríade discursiva. Exemplos práticos desse caminho entre essa tríade discursiva, demonstra o rodapé 54; só uns trechos: “Há meio século, nos Estados Unidos ainda prevalecia o interesse informativo e erudito, de modo que o tradutor para o inglês deu ao livro um cunho predominantemente acadêmico, realçando sua função referencial e publicando-o numa editora universitária, ao passo que as recentes traduções para o francês e para o alemão acentuam a função poética [...] Um dos recursos de acentuar, na versão alemã, a literariedade do texto consiste em dar preferência, na translação de termos científicos ou técnicos, ao termo baseado no léxico de origem germânicas nos casos em que a língua alemã oferece duas alternativas: um termo mais acadêmico, geralmente de origem greco-latina; e um termo ora popular, ora traduzido como empréstimo semântico, com radical de origem germânica; por exemplo ‘padômetro’ pode ser traduzido como ‘Padometer’ ou como ‘Schrittzähler’”. Cf. os artigos de John Milton 1997 e Lineide do Lago Salvador Mosca 1997, particularmente as páginas 193-197.

Chegamos a um resultado? Sim. Um resultado que já traz a resposta para a segunda pergunta: o que modifica a tradução do original? Não modifica o texto em si, mas modifica a recepção como tal: modifica a recepção do texto, abre uma outra e nova compreensão desse texto. As questões levantadas no processo da tradução iluminam sob outras perspectivas o original: Euclides da Cunha não queria escrever uma nova epopéia para “uma só comunidade lingüística”. E Zilly continua: “pois o próprio material lingüístico e as formas literárias, além das mensagens por assim dizer antropológicas, iam transbordá-la” (Zilly 2000: 93). Para ele, houve “Translingualidade e transculturalidade” desde o início do projeto. Antes de escrever a primeira linha, Euclides pensou na tradução (Zilly 2000: 99): A obra “prevê a sua tradução na sua temática, em seu estilo, na sua sintaxe, na retórica, nas alusões a personagens históricas, fatos e doutrinas, nos conhecimentos e valores pressupostos no leitor, tendo um forte excedente semiótico em relação aos leitores brasileiros da época. Se estes já são semi-estrangeiros que vivem de uma ‘civilização de empréstimo’” (Zilly 2000: 100). Euclides pretendia “falar ao mundo” (Zilly 2000: 100).

“Tróia de barra” não é somente uma metáfora, é literalmente a inscrição do universal numa particularidade geopolítica — mas o que justificaria chamar **Tróia** uma referência universal e **Canudos** ainda não?

Não somente o texto (literário) se historiciza, a historicidade inerente dos acontecimentos e textos gera outros fatos e outros novos textos (literários), gera traduções e/ou traduções antigas “amadurecem” (Zilly 2000: 95) e são lidas sob novas luzes da atualização (Benjamin). Zilly demonstra que Euclides da Cunha usa intencionalmente uma linguagem universal para beneficiar a sobrevivência do livro e conquistar leitores posteriores e, conseqüentemente, segurar a sobrevivência dos acontecimentos. Com todas as informações, o leitor de hoje (leitor comum, historiador, crítico) absorve de

maneira diferente, não queremos dizer melhor, a obra. É um novo encontro com o texto e seu tempo e com o contexto histórico e biográfico atual. O tradutor diante da sua tarefa torna perene o seu próprio trabalho como crítico e interpretativo.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor*. Trad. Karlheinz Barck et alii. Rio de Janeiro: UERJ 1992. (Cad. do Mestrado — série *A tarefa de traduzir*, 1). Dirce Cortes Riedel et alli (org).
- BENJAMIN, Walter. “A Tarefa — Renúncia do Tradutor”. Trad. Susanne Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução (Antologia Bilingua)*. Vol. I Alemão — Português. Florianópolis: UFCS, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG 1998 (Original: 1994).
- CAMPOS, Haroldo de. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? *Revista USP* (São Paulo), n. 15, set.-nov., 1992 (Dossiê Walter Benjamin).
- CAMPOS, Haroldo de. *A Arte no Horizonte do Provável*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. In: LAGES, Susanne Kampff. *Walter Benjamin. Tradução e Melancolia*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- MILTON, John. A Tradução de Samuel Putnam de *Os Sertões — Rebellion in the Backlands*, de Euclides da Cunha. *Pandaemonium Germanicum* (São Paulo), n. 1, p. 181-185, 1997.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. A Preservação dos Aspectos Expressivos na Atividade Tradutória: uma Aplicação a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. *Pandaemonium Germanicum* (São Paulo), n. 1, p. 187-198, 1997.
- SÁNCHEZ, Manuel/Sánchez, Luisa Plá de. *La Metáfora en Aristóteles*. Valencia (Venezuela): Universidad de Carabobo, 2000.

SANTIAGO, Silviano. O Entre-Lugar do Discurso Latino-americano. In: _____. *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva/Secretária da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

SÉLIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o Livro do Mundo. Walter Benjamin: Romantismo e Crítica Literária*. São Paulo: Iluminuras/FADESP, 1999.

TEIXEIRA, Ivan. A Tróia de Barra. *Cult* (São Paulo), n. 4, nov., 1997.

ZILLY, Bertholt. O Tradutor Implícito: Considerações acerca da Translingualidade de Os Sertões. *Revista USP* (São Paulo), n. 45, mar.-maio, 2000.

ZILLY, Bertholt. A História encenada em Os Sertões: a Função das Metáforas Teatrais e Pictoriais. *Conferência*. Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará. Belém, 13/09/1996, inédito.